

HÁ ELEMENTOS DE GRAÇA NA CEIA DO SENHOR?

Fernando Vítole Gonzalis¹

RESUMO

Este artigo busca responder se atualmente realizamos a ceia da maneira que a igreja primitiva também praticava e se a nossa maneira de ceia é a maneira correta. Estamos aplicando os conceitos que realmente importam ou estamos mais preocupados com os elementos como o pão e o vinho que a compõem? Através da exposição do texto de I Coríntios 11.17-34, veremos quais pontos que mais preocupavam Paulo e por que a Igreja é exortada nessa prática.

Palavras chave: Ceia, Comunhão, Banquete, João Calvino, Graça, Transubstanciação, Consubstanciação, Coríntios, Paulo, Pão, Vinho, Elementos.

ABSTRACT

This article seeks to answer whether we actually have supper in the way the early church also practiced and whether our supper way is the right way. Are we applying the concepts that really matter or are we more concerned with the elements like bread and wine that make it up? Through the exposition of the text of 1 Corinthians 11: 17-34, we will see which points were of greatest concern to Paul and why the Church is exhorted in this practice.

Keywords: Supper, Communion, Banquet, John Calvin, Grace, Transubstantiation, Consubstantiation, Corinthians, Paul, Bread, Wine, Elements.

INTRODUÇÃO

Há temas que são comuns no cristianismo e dentre eles está o tema sobre ceia, e talvez, um dos mais discutidos. O título desse artigo pode levar alguém a imaginar que se trata da ideia se realmente Jesus se faz presente na ceia, ou então se o pão e o vinho se tornam no corpo e sangue de Jesus.

Será que esse tema de discussão sobre ceia, não está um tanto saturado? Será que não há mais elementos importantes de discussão, quando falamos em ceia do Senhor?

Falar sobre transubstanciação, consubstanciação, ponto de vista dinâmico (aplicado por João Calvino e os Presbiterianos, por exemplo) ou ponto de vista simbólico (aplicado mais pelos Batistas), sabendo que já existem muitos livros que colocam cada uma das propostas e seus respectivos argumentos a mesa, se torna apenas uma reiteração onde muitos desses pontos acabam caindo nas crenças pessoais de cada indivíduo.

Talvez esse artigo seja apenas mais um do mesmo diálogo teológico, uma mera repetição daquilo que a vasta gama de livros já nos conta, só que de maneira resumida. Mas, há ainda uma pequena fração do texto de I Coríntios 11.17-34 que deveria incomodar bastante, e que, muitos têm dificuldade em encontrar material sobre o tema ou até mesmo sendo discutido entre os irmãos.

Paulo fala sobre a questão da comunhão. O texto começa com uma chamada dura de Paulo com relação a isso. Há um grande problema na maneira que a ceia é realizada nesse contexto. Ela está sendo feita de maneira displicente com os próprios irmãos. E a chamada de Paulo parece ser tão dura que é possível não estarmos dando a devida atenção a ela e estamos nos preocupando com elementos secundários da passagem.

Esse artigo, como maneira de estudo e reflexão, não deve ser encarado para termos mais um ponto de divergência, assim como os demais citados anteriormente. Esperamos que sirva de ponto de partida para execução da ceia de maneira mais próxima do texto bíblico.

Esse tema é muito importante por se tratar de doutrina e um importante ponto de partida é a leitura do livro “O Drama da Doutrina” de Kevin J. Vanhoozer². Logo na introdução, podemos identificar elementos que ajudam a compreender melhor o que é doutrina e como ela deve servir a igreja.

Mas, por que estudar doutrina se num primeiro momento ela parece ser tão nociva à comunhão da igreja?

Uma igreja desprovida de doutrina é levada por modismos culturais e intelectuais. Doutrinas não surgem de teorias especulativas, mas das práticas fundamentais. A saber, batismo, ceia, oração, adoração, temas que constituem a vida e a identidade da igreja. É a consequência da busca de entendimento bíblico que é empreendida pela fé e deve nos ensinar a enfrentar as várias crises da vida real. A doutrina fornece um caminho a seguir, e é necessária para o ser humano florescer, ajuda a igreja a entender seu papel em seu contexto.

Entendendo esses pontos, começamos a também compreender qual o papel do teólogo dentro da igreja. É responsabilidade do teólogo, garantir que o discurso e a ação da Igreja correspondam a palavra de Deus, regra de fé e prática do cristão. John Milbank²³ declara que a teologia consiste em explicar a prática cristã.

O problema da igreja é um problema prático. Ela não consegue reproduzir as escrituras. O que faz com que acabemos caindo em meras tradições, que são praticadas sem nosso coração estar naquilo, acaba saindo no modo automático. A doutrina já não desempenha um papel expressivo na vida e no pensamento dos cristãos comuns. E na grande maioria das vezes isso ocorre, pois o teólogo (pastor) terceiriza o ensino da igreja a outras pessoas (ex.: seminarista).

Destacados esses aspectos, podemos refletir sobre a ceia do Senhor realizadas nas igrejas nos dias de hoje. Será que temos executado a ceia como a Bíblia nos narra ou estamos reproduzindo um ato que aprendemos com as outras pessoas na igreja? Será que não se tornou apenas uma repetição impensada? Não estaríamos tratando a ceia com certo “relaxo”?

A ceia do Senhor

Achei muito interessante o texto a seguir retirado da Enciclopédia do Protestantismo:

Na tradição da igreja antiga, o protestantismo considera a ceia e o batismo como os sacramentos que conduzem a vida da igreja. A ceia é a refeição comunitária instituída por Jesus Cristo e celebrada no culto. Como a maior parte das igrejas, o protestantismo considera, na mesma linha da igreja antiga, que a comunhão em torno da mesa santa e a comunhão entre as

diversas comunidades locais e igrejas estão em estreita relação. A ceia não é apenas o momento em que Cristo oferece ao cristão como indivíduo o perdão e a vida, mas o momento festivo da reunião comunitária, expressão visível da realidade da igreja uma, Corpo de Cristo. Comer e beber juntos é algo que une os participantes ao Senhor que preside a mesa, criando laços novos entre os convivas. (GISEL, Pierre. Enciclopédia do Protestantismo, 1995, p.301)

Dessa citação podemos perceber a ênfase na ceia como uma refeição comunitária focada na comunhão e, além disso, um evento festivo da comunhão. Será que, lendo esse pequeno trecho que descreve a ceia do Senhor, realmente remete aquilo que temos desenvolvido hoje em nossas igrejas locais? Podemos de fato dizer, com coração sincero, que estamos prezando pela comunhão, fazendo uma festa, e que esse fato nos une ao Senhor?

Antes de respondermos plenamente a essa questão é interessante avaliarmos se há precedentes dessa cerimônia no Antigo Testamento. Parece que sim, pois na antiga aliança também há exemplos em que se come e se bebe na presença de Deus.

Vamos ver o seguinte texto do livro de Êxodo 24.9-11: *Moisés, Arão, Nadabe, Abiú e setenta autoridades de Israel subiram e viram o Deus de Israel, sob cujos pés havia algo semelhante a um pavimento de safira, como o céu em seu esplendor. Deus, porém, não estendeu a mão para punir esses líderes do povo de Israel; eles viram a Deus, e depois comeram e beberam.*

Interessante notar que Deus não puniu os líderes, mas estendeu as mãos para eles e em seguida comeram e beberam na presença do Senhor. Será que a ceia do Senhor no Novo Testamento reproduz esse aspecto?

A ceia é uma cerimônia atribuída a Igreja, e de que os membros devem participar, já que tal cerimônia foi criada por Jesus, segundo as narrativas que aparecem nos evangelhos, cuja participação é um sinal de obediência.

Vamos ver agora o texto de Mateus 26.26-29:

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o, e o deu aos seus discípulos, dizendo: *Tomem e comam; isto é o meu corpo*. Em seguida tomou o cálice, deu graças e o ofereceu aos discípulos, dizendo: *Bebam dele todos vocês. Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão dos pecados. Eu lhes digo que, de agora em diante, não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo com vocês no Reino de meu Pai.*

E agora o texto de I Coríntios 11.23-25:

Pois recebi do Senhor o que também lhes entreguei: Que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: 'Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim'. Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: 'Esse cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isso sempre que o beberem em memória de mim'.

Percebam que em ambos os textos, de Mateus e de Coríntios, Jesus se refere ao pão como “meu corpo”. A ceia do Senhor recorda-nos de que o pagamento em favor dos nossos pecados já foi realizado por Jesus, de modo que agora comemos na presença do Senhor com grande alegria. É por isso que celebramos a ceia. É um ato da sua permanência na fé em Cristo Jesus, diferente do batismo que marca o início da fé cristã do indivíduo.

Mas, será que ainda não falta algo? Existem diversos significados sobre a ceia do Senhor: simboliza a morte de Cristo (evidente em I Coríntios 11.26); nossa participação nos benefícios da morte de Cristo; a unidade dos Cristãos; simbolismo da ceia como alimento espiritual. Nesse artigo especificamente, devemos focar sobre a unidade e comunhão da Igreja.

Vamos olhar a seguir o que nos diz o texto de I Coríntios 10.17: *Como há somente um pão, nós, que somos muitos, somos um só corpo, pois todos participamos de um único pão.*

A ceia do Senhor aponta para uma refeição de comunhão, na presença de Deus, e esta comunhão é dupla: ela une o Cristo a Igreja e une entre si os cristãos, dando sinal nítido de unidade uns para com os outros. Esses dois aspectos da comunhão são, alias, indissolúveis, o segundo sendo determinado pelo primeiro, mas, também, sendo contido nele. Ou seja, uma observação muito importante é que sem a presença dos irmãos da Igreja, a ceia se torna inútil para termos comunhão com Jesus Cristo. A ceia não é feita de maneira individual.

E o que acontece quando, na conduta diária de uma pessoa, a comunhão entre os irmãos não recebe devida atenção? O que deve fazer o homem que não está vivendo em harmonia com o irmão? Esse relacionamento tenso afetaria de alguma forma a sua comunhão com Deus?

A ceia e a comunhão

Vamos ler o texto de Mateus 5.23-24:

Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta.

Jesus está se dirigindo a cada individuo em particular. Que cada homem examine o seu próprio coração. Revela também a atitude de amar a Deus e, portanto, trazer-lhe uma oferta, não combina com a atitude de não amar o irmão, e de permanecer inimizando com ele.

O que também é confirmado na passagem de I João 4.20: *Se alguém afirmar: Eu amo a Deus, mas odiar o seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.*

A passagem de Mateus 5.23-24 é muito utilizada por pastores na ministração da ceia e na sequencia muitos já conduzem para a passagem de I Coríntios 11.28-29:

Examine-se cada um a si mesmo, e então coma do pão e beba do cálice. Pois quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe para a sua própria condenação.

O problema era, antes, a conduta egoísta e irrefletida para com os outros, sem entender a unidade e a interdependência das pessoas na Igreja, que é o corpo de Cristo. Devemos dar atenção a todos os nossos relacionamentos no corpo de Cristo. Será que às vezes não estamos provocando desunião em nosso meio?

Diante dos fatos colocados devemos imaginar como era a ceia realizada na época da Igreja Primitiva.

Interessante destacar que encontramos a palavra *ceia* no grego, *δειπνον*, que podemos traduzir como “refeição principal”, “almoço”, “jantar” e até “banquete”. E soa algo muito diferente daquilo que fazemos hoje. Era muito comum nas religiões antigas o fato de beber e comer em atos de comunhão pública ou privada como maneira de representar a união desse grupo com a divindade. Assim como podemos ver diversas vezes no

Antigo testamento, personagens comendo e bebendo na presença do Senhor, assim como destacado anteriormente.

Durante os três primeiros séculos, a igreja se reunia nas casas dos cristãos. As sinagogas também se reuniam às vezes em casas até que a comunidade judaica pudesse ter recursos para adquirir um edifício especial; entre a perseguição e a necessidade de fundos para libertar escravos, alimentar os pobres e sustentar os missionários, as igrejas acabavam ficando sem dinheiro para construir edifícios próprios.

Alguns estudiosos observam que as casas dos patronos em Corinto geralmente tinham um quarto chamado *triclinium* (o melhor aposento), onde nove a doze pessoas podiam reclinar-se, e outro chamado *atrium* (o maior aposento mobiliado), em que cabiam até quarenta pessoas. É possível que tenha havido casas maiores, pois os domicílios variavam muito de tamanho. Mas a maioria das casas era muito menor que isso (os pobres não raro viviam em apartamentos precários no andar superior, com pouco espaço, a não ser para dormir).

Apesar da ideia dos gregos de igualdade até mesmo para os banquetes, a ordem dos assentos nos antigos eventos públicos seguia a hierarquia social – os banquetes não eram exceção. As igrejas de Corinto reuniam-se principalmente nas casas dos patronos abastados.

Na sociedade greco-romana, os patronos costumavam fazer que os membros de sua classe social se assentassem no *triclinium*, que de forma ideal, seria ocupado por nove pessoas, mas o número poderia ser maior dependendo do tamanho do aposento e da disposição dos assentos. Caso precisasse de mais espaço, outros convidados poderiam ser servidos no *atrium*. Os convidados assentados a uma distância maior do anfitrião recebiam (ou lhes traziam) comida e vinho de qualidade inferior. Era comum os clientes se queixarem do lugar que o patrono lhes havia designado. Esse problema social havia se infiltrado na igreja.

A refeição da igreja estava baseada na refeição pascal judaica. Ela era uma refeição sagrada que celebrava a redenção. Contudo, parece que a maioria dos cristãos de Corinto não percebia esse fato. Estavam tratando a ceia como um banquete festivo conforme o modelo dos banquetes dos festivais gregos ou das reuniões de associações religiosas gregas.

Vamos seguir a exposição do texto de I Coríntios 11.17-34. O objetivo é uma avaliação mais cuidadosa do que Paulo desejava transmitir a igreja de Corinto. Mas, antes de ir ao texto propriamente dito vamos iniciar falando sobre a carta aos Coríntios.

Conforme os escritores Gordon Fee³ e Douglas Stuart⁴ no livro “Como ler a Bíblia livro por livro”, a carta aos Coríntios tem como autoria o apóstolo Paulo, na época de 53-54 d.C, escrevendo em Éfeso.

A igreja em Corinto é composta principalmente de gentios. É uma carta de correção, em que Paulo se posiciona contra os coríntios, questões após questões, em geral ligadas ao comportamento deles, mas que não obstante consistem em infidelidade ao evangelho de Cristo e à vida no Espírito. A carta tem o Messias crucificado como a mensagem central do evangelho; a cruz como sabedoria e o poder de Deus; o comportamento cristão que se conforma ao evangelho; a verdadeira natureza da vida no Espírito; a futura ressurreição corporal dos cristãos mortos.

Vê-se que esses itens listados estão fortemente relacionados com o texto de Coríntios, onde Paulo trata sobre a ceia (11.17-34), e, onde podemos verificar um problema de divisão entre pobres e ricos (v.22), um problema de egoísmo (v.21), de não saber discernir o corpo (v.29) e a importância da morte e retorno de Cristo (v.26), demonstrando um grave problema de comunhão que muito provavelmente temos nos dias atuais.

Uma breve análise no texto de I Coríntios 11.17-34

Entretanto, nisto que lhes vou dizer não os elogios, pois as reuniões de vocês mais fazem mal do que bem (11.17).

Parece que aqui vem uma crítica acusativa, já pelo uso da palavra, “entretanto”. O que se confirma na sequência quando ele diz que não será “elogio” o que eles irão ler. “As reuniões” – aparentemente eram reuniões frequentes entre os irmãos, que estavam sendo malélicas.

Em primeiro lugar, ouço que, quando vocês se reúnem como igreja, há divisões entre vocês, e até certo ponto eu o creio (11.18).

Parece que são muitos os pontos a serem tratados – “Em primeiro lugar”. “Ouço que” – parece indicar que alguém o contou. “Quando vocês se reúnem como igreja” – ou seja, em um momento específico e não em qualquer

reunião executada, e teoricamente na reunião mais importante que era quando estavam reunidos em “forma” de igreja. “há divisões entre vocês” – Paulo já tratava sobre as divisões no capítulo 1, versos 10 a 17 e isso parece ser um problema. “e até certo ponto eu creio.” – Indica que ele acredita certa medida e não integralmente no que ele ouviu. Alguns estudiosos afirmam que essa passagem sugere uma *dissimulatio* retórica, isto é, Paulo finge incredulidade para envergonhar os destinatários e leva-los a reconhecer quão terrível é seu procedimento.

Pois é necessário que haja divergências entre vocês, para que sejam conhecidos quais dentre vocês são aprovados. (11.19)

A frase, “Pois é necessário que haja divergências entre vocês” – indica que as divisões e diferenças são benéficas. E dessa maneira sejam realçados os fiéis e verdadeiros aos olhos de Deus.

Quando vocês se reúnem, não é para comer a ceia do Senhor (11.20): mostra que a intenção da reunião era de comer a ceia do Senhor, mas isso aparentemente não estava acontecendo. Paulo estabelece um contraste irônico entre a ceia do Senhor (11.20) e a deles (11.21).

“Porque cada um come sua própria ceia sem esperar pelos outros. Assim, enquanto um fica com fome, outro se embriaga” (11.21): Cada indivíduo estava comendo sozinho deixando outras pessoas sem o que comer ou beber. Não mostrando preocupação com o próximo. Alguns são tratados com maior honra do que outros na refeição. Isso reflete os valores mundanos de status.

Será que vocês não têm casa onde comer e beber? Ou desprezam a igreja de Deus e humilham os que nada têm? Que lhes direi? Eu os elogiarei por isso? Certamente que não (11.22)!

Nesse trecho Paulo parece muito zangado. Fazendo diversas perguntas que levam a reflexão e ao embaraço. Dizendo inclusive que os que não esperam os irmãos desprezam a igreja de Deus.

Pois, recebi do Senhor o que também lhes entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: ‘Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim’. Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: ‘Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isto, sempre que o beberem, em memória de mim’ (11.23-25).

Paulo provavelmente está indicando que os discípulos anteriores lhe haviam contado sobre a última ceia. Assim como foi contada pra ele, ele repassa a igreja de Corinto. A representação da nova aliança no sangue de Jesus, da salvação dada ao seu povo. O pão sem fermento da páscoa era normalmente interpretado de modo figurado como “o pão da aflição que os nossos ancestrais comeram” na época de Moisés. Jesus havia aplicado esse pão a si mesmo: *Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha (11.26).*

A ceia deveria ser praticada regularmente e quando isso era feito, anunciava-se a morte de Jesus e também lembrava que Jesus retornaria. Esse anúncio talvez se dê devido as conversas entre os irmãos. Uma vez que só estavam reunidos mediante aquilo que tinham em comum, acreditar na morte e ressurreição de Jesus e por isso eram salvos.

Portanto, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será culpado de pecar contra o corpo e o sangue do Senhor. (11.27)

Aquele que comia de modo irreverente ou egocêntricamente estava pecando. Isto é, todos aqueles que comiam e bebiam apenas para se satisfazerem sem se preocupar com os outros irmãos. O “comer indignamente”, nessa passagem, refere-se ao ato de comer seguindo divisões de status, o que acaba separando a igreja. Ao rejeitar ou desprezar outros membros do corpo de Cristo, a igreja, eles também rejeitavam o dom salvador de seu corpo representado pelo pão.

Examine-se cada um a si mesmo, e então coma do pão e beba do cálice (11.28): aqui Paulo diz que cada um deve avaliar suas atitudes para participar da ceia de maneira excelente e desta forma, venha a ser um meio espiritual de graça.

Pois quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe para sua própria condenação (11.29): A palavra “corpo” pode referir-se ao corpo físico de Jesus ou a igreja. No primeiro caso, significaria que a pessoa participa da ceia sem reconhecer que simboliza o corpo crucificado de Cristo. No segundo caso, significaria que o participante não tem consciência da natureza da igreja como corpo de Cristo, o que resultada nas ações egoístas. Já a questão da condenação se refere à condenação disciplinar como doenças e morte como vemos no versículo a seguir e não sobre o juízo eterno de Deus que sobrevirá ao incrédulo.

Por isso há entre vocês muitos fracos e doentes, e vários já dormiram. Mas, se nós tivéssemos o cuidado de examinar a nós mesmos, não receberíamos juízo. Quando, porém, somos julgados pelo Senhor, estamos sendo disciplinados para que não sejamos condenados com o mundo” (11.30-32): Devemos nos avaliar para não receber a disciplina de Deus. Mas quando somos disciplinados, o somos da maneira como quando um pai ou uma mãe faz com um filho. Por amor. E dessa maneira podemos nos arrepender e crescer na graça.

Portanto, meus irmãos, quando vocês se reunirem para comer, esperem uns pelos outros. Se alguém estiver com fome, coma em casa, para que, quando vocês se reunirem, isso não resulte em condenação. Quanto ao mais, quando eu for lhes darei instruções (11.34): Outra referência à refeição e que devemos esperar pelos outros, e se tivermos fome, então saciar nossa fome e sede em casa para não trazer às reuniões, atitudes egoístas. Paulo dá a entender que tinham outros problemas a serem tratados, mas que seriam tratados posteriormente em sua próxima visita.

No tempo apostólico as ceias eram também chamadas de “ágapes” (ou “festas de amor”), conforme podemos verificar no texto de Judas 12: *Esses homens são rochas submersas nas festas de fraternidade que vocês fazem, comendo com vocês de maneira desonrosa. São pastores que só cuidam de si mesmos. São nuvens sem água, impelidas pelo vento; árvores de outono, sem frutos, duas vezes mortas, arrancadas pela raiz.*

Transmitindo assim, parte de seu propósito. As ênfases na expressão “corpo” que encontramos no ensino bíblico da ceia, reflete esta visão de unidade e comunhão. A mesa é um lugar de comunhão em praticamente quase todas as culturas e épocas, e a mesa do Senhor não deixa de ter também esta característica.

Compartilhar de um monte de migalhas de biscoito ou pão e de uma boa quantidade de copinhos de vinho nos traz a imagem de divisão e individualidade. Enfim, isso afasta completamente a ideia de união. A comunhão através do comer em conjunto tem sequência no livro de Atos, onde aprendemos que a igreja primitiva se devotava ao “congraçamento no partir do pão”, conforme podemos verificar em Atos 2.42: *Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações.*

Essa versão verificada do português é a Nova Versão Internacional. Nas versões em inglês, não há a separação da vírgula nem o “no” depois dela.

Assim, traduzida literalmente, ela ficaria assim: *E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão partir do pão e nas orações*. Essa segunda forma é mais correta, pois em grego as palavras “comunhão” e “partir do pão” são ligados entre si, denotando atividades simultâneas.

Eles tinham comunhão uns com os outros, quando partiam o pão em comum. Lucas nos informa que essa refeição era realizada com “alegria e sinceridade de coração”, como podemos ver em Atos 2.46: *Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração*.

Pergunta-se: assim, soa convidativo? Muitos comentários associam, no livro de Atos, a frase “partindo o pão” com a Ceia do Senhor. Por isso é que Lucas, que escreveu Atos, registrou no seu evangelho que Jesus tomou o pão e “partiu-o” na última ceia, conforme a passagem em Lucas 22.19: *Tomando o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: ‘Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim’*.

Se essa conclusão é correta, então a igreja primitiva festejava a Ceia do Senhor como um momento de comunhão e alegria, exatamente como fazemos hoje numa festa de casamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em alguns momentos é necessário deixarmos de lado temas que são amplamente comentados e discutidos e olharmos para algumas coisas que são deixadas de lado e talvez sejam muito mais valiosos para nós como igreja. É exatamente o que aconteceu com esse artigo.

O objetivo deste artigo era o de tratar sobre os elementos pão e vinho que são destaques na ceia, mas durante pesquisa e reflexão, o artigo foi tomando outro rumo.

Quando falamos de doutrina, estamos tratando de algo de extrema importância para uma vida saudável na igreja. E para uma avaliação ou pesquisa honesta, devemos primeiro analisar o texto bíblico e também o seu contexto para entendermos o momento histórico da época e o que o autor queria dizer. Também é importante procurarmos outros textos bíblicos que dão base aquilo que estamos querendo afirmar.

Após tudo que foi discorrido nesse texto, acredito que temos executado a ceia de maneira errada, não nos preocupando com a comunhão entre os irmãos e talvez não remetendo esse momento a um momento de alegria e comemoração. Na verdade mais parece um ato espiritual de reflexão individual. Ou seja, do mesmo jeito que aprendemos com nossos pais na Igreja é o jeito que executamos hoje; uma simples tradição evangélica. Isso se deve a falta de mensagens e estudos sobre a ceia, pois parece algo muito banal ou sem mistérios para se discutir e debater. É muito mais interessante discutirmos sobre seitas ou apologética do que algumas doutrinas “básicas” que fazem parte do dia-a-dia da Igreja, ou então em elementos secundários.

O elemento de graça que podemos encontrar na ceia do Senhor é a comunhão em si. Quando nos colocamos no mesmo nível do nosso próximo, quando nos tornamos iguais, apesar de posição social, e ainda desejamos tal comunhão. Apesar da maneira *drive-thru* que desenvolvemos para realizar a ceia, com copinhos descartáveis, suco de uva e um pedacinho de pão, devemos desejar a comunhão com os irmãos, fazendo nossa avaliação que todos estão ali pela graça e que todos não são merecedores de tal graça. Todos estão no mesmo patamar quando nos colocamos diante do Senhor.

O teólogo quando em posição de pastor não deveria terceirizar o ensino. Na verdade ele é o treinador da vida cristã de seus jogadores (ovelhas). E se algo na doutrina não caminha bem e estamos rumo à ação de uma mera tradição e ato religioso impensável, então, o que nos diferencia de outras religiões? Aliás, Jesus nunca pregou uma religião.

Um texto bíblico que me marcou muito em minhas pesquisas foi o de Apocalipse 19.9: *E o anjo me disse: ‘Escreva: Felizes os convidados para o banquete do casamento do Cordeiro!’ E acrescentou: ‘Estas são as palavras verdadeiras de Deus’.*

É assim que Jesus nos aguarda: com um grande convite para um banquete. A palavra banquete já nos diz muita coisa. Um lugar com fartura, mas também onde estaremos todos juntos. Nesse lugar você não poderá escolher quem é o seu irmão, coisa que me parece que fazemos muito no nosso dia-a-dia como quando estamos reunidos como igreja. Muitas vezes temos irmãos que pisam em nosso calo e isso já se torna um motivo para desviarmos dele na celebração. Parece que quando um irmão te decepciona isso te dá o direito de então desprezar ele e deixa-lo de lado. Então qual a diferença da igreja? Não é assim também o conceito do mundo? A passagem de Colossenses 3.13 muitas vezes é esquecida, ou então lembrada apenas

quando convém: *Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou.*

Como é possível suportar alguém quando não estamos reunidos em comunidade?

É nesse momento que podemos nos conhecer, saber das nossas fraquezas e dificuldades, ser ajudado e também ajudar o nosso irmão. Acredito que muitos de nós acham que podemos escolher os nossos irmãos. Todos nós somos imerecedores da graça de Deus e de sua salvação. Precisamos ter misericórdia uns dos outros assim como Deus teve e tem misericórdia para conosco. Não devemos gerar expectativas erradas sobre os nossos irmãos.

Muitas vezes pensamos que a igreja é um local seguro, um lugar onde estamos protegidos do mundo que está ao nosso redor e nos esquecemos de que todos nós somos seres humanos, pecadores, passíveis de erros e falhas. Nesse momento, quando temos uma decepção, o tombo acaba sendo muito grande, e nos esquecemos de que somos tão piores quanto o irmão que pisou em nosso calo. Devemos praticar o perdão aos irmãos com mais frequência. Pedir perdão com mais frequência. Reconhecer nossos erros. E aí sim, depois disso, de braços abertos e coração tranquilo, ir para o convite feito por Jesus e participar de sua festa, de seu banquete, todos juntos, em comunhão, em um só corpo, e adorar o único Deus, merecedor de toda honra e toda glória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATKERSON, Steve. *A Ceia do Senhor: Banquete ou migalhas?* NTRF, 2003.
- BARKER, Kenneth. *Bíblia de Estudo NVI*. São Paulo: VIDA, 2003.
- CALVINO, João. *1 Coríntios*. São Bernardo do Campo: Parakletos, 2003.
- CARSON, D. A. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- COENEN, Lothar e BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008.
- FEE, Gordon e STUART, Douglas. *Como ler a Bíblia livro por livro*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- FERREIRA, Franklin e MYATT, Alan. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GISEL, Pierre. *Enciclopédia do Protestantismo*. São Paulo: Hagnos, 2016.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática Atual e Exhaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- KEENER, Craig. *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- KISTEMAKER, Simon. *1 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- MCGRATH, Alister. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- MORRIS, Leon. *1 Coríntios*. São Paulo: Vida Nova, 1992.
- SAYÃO, Luiz. *Bíblia Brasileira de Estudo*. São Paulo: Hagnos, 2016.
- SILVA, Valdemir Alves. *Apostila de História do Cristianismo I, p4*. Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.
- VANHOOZER, Kevin J. *O Drama da Doutrina*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- VON ALLMEN, Jean-Jacques. *Estudo sobre a Ceia do Senhor*. Editora Duas Cidades, 1968.
- YOUNGBLOOD, Ronald. *Dicionário Ilustrado*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

¹ Fernando Vito Gonzalis, graduado em Comunicação Social pela Universidade São Judas Tadeu, pós-graduado em Exposição e Ensino da Bíblia pela Faculdade Teológica de São Paulo, é líder do ministério de adolescentes e pré-adolescentes da IBNU e também auxilia nos projetos em vídeo do ministério Rota 66.

² Kevin Jon Vanhoozer (nascido em Março de 1957) é um teólogo Americano que atualmente é professor e pesquisador de Teologia Sistemática. Além da Teologia Sistemática, muito do seu trabalho é focado em hermenêutica e pós-modernismo.

³ Alasdair John Milbank (nascido em 1952) é um teólogo Cristão Anglicano e era o professor pesquisador de religião, política e ética na universidade de Nottingham, onde também dirigia o Centro de Teologia e Filosofia.

⁴ Gordon Donald Fee (nascido em 1934 em Ashland, Oregon) é um estudioso do Novo Testamento, após ensinar brevemente no Wheaton College em Illinois, lecionou no seminário Gordon-Conwell em South Hamilton, Massachusetts até 1986. Ele em seguida foi para o Regent College em Vancouver, Canada onde é agora Professor Emérito. Ele também serviu no quadro consultivo do Instituto Internacional para Estudos Cristãos.

⁵ Douglas K. Stuart (nascido em 8 de fevereiro de 1943) é professor do Antigo Testamento no Seminário Teológico Gordon-Conwell, um Seminário Evangélico Interdenominacional. Em 1971 recebeu seu doutorado em Línguas do Oriente Próximo e Literatura da Universidade de Harvard, em poesia hebraica.